

Presença da salvação



D. Nuno Brás

A celebração de um sacramento, qualquer que ele seja, é sempre um sinal de que Deus não nos abandona: um sacramento é Deus que actua na história, tornando a Páscoa de Jesus e os seus frutos de salvação presentes no nosso tempo, na nossa vida.

Apesar de distantes tantos quilómetros e dois mil anos depois, nem por isso estamos longe da morte e da ressurreição de Jesus. Não por causa das nossas capacidades mas porque o amor de Deus encontrou este modo de se tornar presente na nossa vida.

Assim, quando alguém é ordenado sacerdote, isso significa que Deus e o seu agir transformam aquele homem, tornando toda a sua existência em presença, manifestação de Jesus Cristo no mundo de hoje.

Os 3 novos sacerdotes ordenados neste sábado na nossa Catedral são, por isso, um enorme motivo de ação de graças: Deus continua a cuidar do seu povo, de todos e cada um de nós.

Com personalidades diferentes, com capa-

cidade humanas diferentes, todos eles serão, para sempre, presença de Jesus no meio de nós, a acompanhar-nos, a salvar-nos.

Precisamos de rezar por eles e por todos os sacerdotes: para que, ao longo de toda a sua vida, sejam sempre fiéis ao dom que receberam e tornem visível para todos a graça salvadora de Deus.●

“Os 3 novos sacerdotes ordenados neste sábado na nossa Catedral são, por isso, um enorme motivo de ação de graças: Deus continua a cuidar do seu povo, de todos e cada um de nós.”

Domingo XVIII do Tempo Comum

EVANGELHO (Lc 12, 13-21)



Naquele tempo, alguém, do meio da multidão, disse a Jesus: «Mestre, diz a meu irmão que reparta a herança comigo». Jesus respondeu-lhe: «Amigo, quem Me fez juiz ou árbitro das vossas partilhas?». Depois disse aos presentes: «Vede bem, guardai-vos de toda a avarizia: a vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens». E disse-lhes esta parábola: «O campo dum homem rico tinha produzido excelente colheita. Ele pensou consigo: ‘Que hei-de fazer, pois não tenho onde guardar a minha colheita? Vou fazer assim: Deitarei abaixo os meus celeiros para construir outros maiores, onde guardarei todo o meu trigo e os meus bens. Então poderei dizer a mim mesmo: Minha alma, tens muitos bens em depósito para longos anos. Descansa, come, bebe, regala-te’. Mas Deus respondeu-lhe: ‘Insensato! Esta noite terás de entregar a tua alma. O que preparaste, para quem será?’. Assim acontece a quem acumula para si, em vez de se tornar rico aos olhos de Deus».●



Jornal da Madeira

Acompanhe-nos em www.jornaldamadeira.com
e no facebook: @jornaldamadeira
Email: geral.jornaldamadeira@gmail.com



SUPLEMENTO SEMANAL DO JORNAL DA MADEIRA

WWW.JORNALDAMADEIRA.COM | DIRETOR: GISELO ANDRADE | 31 DE JULHO DE 2022 | NÚMERO 91



“Quero ser um padre do povo”

Diocese do Funchal conta com dois novos sacerdotes: os padres Alberto Fernandes e Patrício Sousa

Neste sábado, 30 de julho, D. Nuno Brás presidiu à celebração de ordenações de três novos sacerdotes: os padres Alberto Fernandes, Patrício Sousa e António Silva, scj.

O Jornal da Madeira perguntou aos dois sacerdotes diocesanos como viveram os dias que antecederam a ordenação. O Pe. Patrício Sousa, 33 anos, explicou, “Estou a viver estes dias com expectativa e um certo nervosismo. Expectativa pelo grande momento que aí vem, algo desejado e alimentado ao longo deste 8 anos de formação e um certo nervosismo natural com a grandeza do que irei viver”. Para o Pe. Alberto Fernandes, 38 anos, “Estes dias estão a ser vividos em oração e em ação

de graças por tudo o que vivi e alcancei da parte do Senhor!”.

Os dois novos sacerdotes da Diocese do Funchal partilharam que o seu ministério sacerdotal está ligado ao serviço do Povo de Deus. “Quero ser um padre do povo! Anseio levar a alegria e a força do Espírito Santo, que o Senhor fez brotar em mim, ao rebanho que me for confiado”, disse o Pe. Alberto. Já o Pe. Patrício realçou que, “É importante sermos padres que caminham

com o povo de Deus e procuram viver aquilo que pregam com seriedade e verdade”.

Ser padre “é entregar a vida sem limite, com todo o meu coração, com toda a minha alma e com todas as minhas forças. É ser sinal visível para o mundo deste Senhor que me convida a dar a vida diariamente pelas suas ovelhas”, afirmou o Pe. Patrício.

Sobre os desafios do sacerdócio na atualidade, o Pe. Alberto destaca o caminho sinodal que a Igreja está a realizar e salienta que “todos devem ser escutados”. Este novo sacerdote, quer ser “alguém que escuta aquele que não tem voz ativa valorizando-o como um ser único aos olhos de Deus”. G.A.●

Ser padre “é entregar a vida sem limite, com todo o meu coração”.

IGREJA

A peregrinação penitencial da Igreja

P. Giselo Andrade

Ao chegar ao Canadá, no dia 24 de julho, para uma “peregrinação penitencial”, o Papa beijou a mão de Alma Desjarlais, sobrevivente de uma escola residencial.

150 mil crianças indígenas foram levadas à força para escolas residências no Canadá entre os anos de 1894 a 1947, onde sofreram maus tratos. Muitas crianças morreram. Mais de 60% das escolas eram dirigidas por religiosos da Igreja Católica. O objetivo era isolar as crianças indígenas da própria cultura e religião, para que assimilassem a cultura canadiana dominante.

Alma Desjarlais entrou na escola residencial aos 12 anos. Já tinha muitos conhecimentos das tradições da sua comunidade, especialmente veiculados pelos avós. “Aprendi o estilo de vida tradicional no meu crescimento. A maneira de viver era diferente. As pessoas viviam da terra. Tinham os seus jardins, cultivavam a própria comida”. Ao ser separada da sua família quando entrou na escola residencial, o seu maior desafio foi crescer em equilíbrio, num ambiente que a todo o custo pretendia negar a sua identidade.

Atualmente Alma Desjarlais dedica-se ao ensino das tradições, idioma e cultura do povo Métis, às gerações que foram expostas às ideologias coloniais. Ela e o seu marido são anciãos de um acampamento cultural onde as crianças “aprendem a fazer carne seca, frutas secas, peixe defumado, carne enlatada e frutas (...) As crianças também aprendem a cantar a dançar e a fazer doações, que é uma parte importante das tradições aborígenes”.

Durante a oração do Angelus, no dia 6 de junho de 2021, o Pontífice mostrou a sua tristeza sobre “as notícias que chegam do Canadá sobre a descoberta desconcertante dos restos mortais de 215 crianças”, alunos de uma escola residencial para crianças indígenas. “A triste descoberta aumenta ainda mais a consciência das dores e dos sofrimentos do passado”, referiu o Papa.

No dia 1 de abril de 2022, o Papa encontrou-se no Vaticano com representantes de três grupos indígenas, First Nations, Métis e Inuit. No seu discurso falou de indignação e vergonha pelo papel dos católicos. “Tudo isto é contrário ao Evangelho de Jesus”. Ao terminar, disse, “despeço-me de vós e ver-nos-emos no Canadá, onde poderei expressar melhor a minha proximidade”.

A promessa realizou-se. No primeiro discurso dirigido às populações indígenas, na passada segunda-feira, dia 25 de julho, no Canadá, o Papa referiu: “Peço perdão pelas formas em que muitos cristãos, infelizmente, apoiaram a mentalidade colonizadora das potências que oprimiram os povos indígenas. Sinto pesar. Peço perdão, em particular pelas formas em que muitos membros da Igreja e das comunidades religiosas cooperaram, inclusive através da indiferença, naqueles projetos de destruição cultural e assimilação forçada dos governos de então, que culminaram no sistema das escolas residenciais”.

Com esta visita ao Canadá, o Papa ensina-nos que o caminho da cura, do perdão e da reconciliação é feito com gestos concretos de encontro e diálogo. ●

Canadá: Papa desafia Igreja a enfrentar “fracassos”

Na sua visita ao Canadá, o Papa presidiu na quinta-feira, dia 28 de julho, a uma Missa pela reconciliação. A celebração realizada no Santuário Nacional de Santa Ana de Beaupré, no Quebec, teve a participação especial de comunidades indígenas.

Comentando o texto dos discípulos de Emaus, o Papa apresentou à Igreja o itinerário do caminho do fracasso à esperança.

“Também nós, perante o escândalo do mal e o Corpo de Cristo ferido na carne dos nossos irmãos indígenas, caímos na amargura e

sentimos o peso do fracasso”, disse o Papa na homilia. “Como pôde isto acontecer na comunidade daqueles que seguem Jesus?”

Só Jesus é o caminho que pode “sasar as feridas do passado e reconciliar-nos com Deus e entre nós”.

“Acreditemos que Jesus Se vem juntar ao nosso caminho, deixemo-nos encontrar por Ele; deixemos que seja a sua Palavra a interpretar a história que vivemos como indivíduos e como comunidades, e a indicar-nos o caminho para nos curarmos e reconciliarmos”, afirmou Francisco a finalizar a homilia. ●



Missas Novas em três paróquias

Neste domingo, 31 de julho, dois novos sacerdotes, ordenados este sábado, vão presidir à sua primeira missa:

O Pe. Patrício Sousa celebra Missa Nova na igreja do Piquinho, este domingo às 16h e o Pe. António Jesus, scj, celebra Missa Nova na igreja da Serra d'Água também neste dia 31 de julho, às 16h.

No próximo domingo, 7 de agosto, celebrará Missa Nova, o Pe. Alberto Fernandes na igreja do Campanário às 16h. ●

Duas festas no Caniço

A festa do Santíssimo Sacramento na paróquia do Caniço será realizada neste domingo 31 de julho. A Eucaristia será celebrada às 17 horas, seguindo-se a procissão.

Na segunda-feira, 1 de agosto, às 19h30 na igreja paroquial do Caniço terá início a missa que assinala a festa do Sagrado Coração de Jesus.

Nestas festas não haverá o habitual lançamento de fogo devido ao tempo quente e risco de incêndio com alerta laranja, como informou o Município de Santa Cruz. ●

DIOCESE DO FUNCHAL

D. Nuno lembrou que não há vida cristã sem oração



D. Nuno crismou 61 jovens das paróquias da Vitória/ Santa Rita e Assomada | Foto: Duarte Gomes

Luisa Gonçalves

As paróquias da Vitória/Santa Rita e da Assomada receberam no sábado e no domingo, dias 23 e 24 julho, D. Nuno Brás que ali confirmou 31 e 30 jovens e adultos, respetivamente.

Nas suas homilias e tendo em conta que as leituras foram as do XVII Domingo do Tempo Comum, o prelado chamou a atenção dos Crismandos para o Evangelho e principalmente para o facto de Jesus rezar com frequência e dos discípulos lhe terem pedido para que Este lhes ensinasse a rezar também.

Jesus, disse D. Nuno Brás, tinha muitas e extraordinárias capacidades, mas o seu segredo estava “nesta constante relação, neste constante encontro com o Pai”, e os discípulos de alguma forma queriam partilhar aprendendo a rezar com Ele.

Aos crismandos de Santa Rita, o prelado disse, no entanto que rezar bem, não é repetir orações, mas é “encontrar-nos com Deus”, como fazia Jesus porque, acrescentou, “é este encontro com Deus que é oração” e “não há vida cristã sem oração”.

E para nos ajudar nessa tarefa, lembrou, recebemos o Espírito Santo, que não é mais do que o respirar de Jesus”.

Tanto numa paróquia como noutra, D. Nuno terminou dizendo aos crismandos que já tinham dois pedidos muito concretos a fazer a Jesus. O primeiro é que “Ele nos ensine a rezar” e o segundo é “Dá-nos o Teu espírito.

O mesmo é dizer “Dá-nos o teu respirar, ajuda-nos a viver ao teu ritmo”. Isto é, concluiu, “oração”. Oração que “verdadeiramente nos transforma e verdadeiramente transforma o mundo”.

Na paróquia da Vitória/Santa Rita coube ao Pe. Marco Augusto apresentar os crismandos e de no final da cerimónia agradecer a presença de D. Nuno Brás, “o primeiro responsável pela fé nas ilhas da Madeira e Porto Santo” destes crismandos que, disse, “se tornaram adultos na fé e assumiram o compromisso de assumir os desafios que certamente vão surgir nas suas vidas”.

Na paróquia da Assomada coube ao Pe. António Paulo apresentar o grupo de crismandos ao prelado, agradecendo a sua presença e pedindo que os confirmasse na fé.

Antes da bênção final, o prelado ainda lembrou as JMJ, que vão acontecer no próximo ano, sublinhando que conta com estes jovens para estar presentes. Eles que, “como bons cristãos vão colocar Deus em primeiro lugar nas suas vidas, porque o primeiro mandamento é precisamente o amor a Deus”. ●

Rezar bem, não é repetir orações, mas é “encontrar-nos com Deus”.

Carta Pastoral de D. Nuno

Os anos da Guerra: Imperador e construtor da paz (VIII)

Não espanta pois que Carlos de Áustria tenha sido chamado “o Imperador da Paz” — seja pelos constantes esforços em fazer a paz, seja pela paz que ele próprio vivia, que impressionava a todos, e que era fruto da sua proximidade com Deus.

Entretanto, durante a Guerra, Carlos cortou todos os luxos no palácio imperial: os carros foram colocados ao serviço do transporte de alimentos para os mais necessitados; as refeições foram reduzidas; e os oficiais chegaram mesmo a dizer que se comia melhor na messe da frente da batalha que no Palácio do Imperador. Por outro lado, Carlos e Zita não hesitaram em deslocar-se em visita aos seus soldados (cálculos efectuados mostram que terá passado cerca de 1/3 do tempo de reinado junto dos seus soldados), tornando-se próximo de todos.

Ao longo do seu governo, Carlos tomou ainda várias medidas decisivas: começou por afastar do comando os generais que se mostravam incapazes de gestos de humanidade e apenas olhavam para a vitória qualquer que fosse o seu custo; suprimiu o duelo entre os oficiais, bem como as punições corporais; proibiu o uso de gás venenoso nas trincheiras e o bombardeamento de populações civis (salvando em concreto a cidade de Veneza, que esteve para ser destruída pela aviação Austro-Húngara). Em 1917, conseguiu fazer aprovar uma amnistia geral para os presos políticos. É ainda de Carlos a iniciativa de criar, pela primeira vez no mundo, um “Ministério dos Assuntos Sociais”. Não espanta, portanto, que o Imperador se tivesse visto cada dia mais abandonado pelos colaboradores e acompanhado apenas por sua esposa.

Em Junho de 1918, a derrota alemã na frente francesa e a derrota austríaca na frente italiana colocaram praticamente um fim à Guerra. Em Setembro, a rendição da Bulgária conduziu ao pedido de armistício efectuado pela Áustria, Alemanha e Turquia... ●